



Artigo



A Popularização do Conceito de Resiliência e sua Distorção

The Popularization of the Concept of Resilience and its Distortion

La Popularización del Concepto de Resiliencia y su Distorsión

La Vulgarisation du Concept de Résilience et sa Distorsion

Lisete Barlach¹

¹ Graduada em Psicologia, mestre e doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Atualmente é docente na Graduação em Marketing da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

Resiliência não é sinônimo de persistência ou de "aguentar firme" frente a uma situação adversa. Trata-se de um fenômeno transformador para os indivíduos, grupos e instituições que o vivenciam. No entanto, a popularização do conceito tem tratado os termos resiliência e resistência como sinônimos. O presente artigo analisou reportagens e publicações na mídia escrita em que o conceito é utilizado incorretamente, contribuindo para a sua incompreensão. Embora a disseminação e popularização do conceito sejam positivos, ressalta-se a importância de retomá-la; Ambientar a sua conceituação mais precisa de forma a não incorrer na banalização do fenômeno. A atualidade do estudo se revela também nas diversas reportagens e declarações de autoridade relativas à tragédia ambiental no litoral norte de São Paulo, em fevereiro de 2023, com diversas menções à resiliência climática, termo usado para a reconstrução da cidade de São Sebastião e arredores.

Palavras-Chave: Resiliência; Conceito; Mídia; Resiliência Climática; Ambiente.

Abstract

Resilience is not a synonym of persistence or to "support everything" when facing an adverse situation. It is a transforming phenomenon for individuals, groups or institutions who live it on. Nevertheless, the popularization of the concept has been treating the terms resilience and resistance as synonyms. This article has analyzed written reporting in the media in which the concept is incorrectly utilized, contributing for its misunderstanding. Although the spreading and popularization of the concept is positive, it is important to emphasize its more precise conceptualization in order not to make the phenomenon banal. The contemporaneity of the study can be seen by the countless reporting and authorities' speeches regarding the environmental tragedy at North Sao Paulo coastal, in February 2023, repeatedly mentioning the term climatic resilience regarding rebuilding of Sao Sebastiao city and surroundings.

Keywords: Resilience; Concept; Media; Climatic Resilience; Environment.

Resumen

La resiliencia no es sinónimo de persistencia o "mantenerse firme" ante una situación adversa. Es un fenómeno transformador para los individuos, grupos y instituciones que lo experimentan. Sin embargo, la popularización del concepto ha tratado los términos resiliencia y resistencia como sinónimos. Este artículo analizó informes y publicaciones en los medios escritos en los que el concepto se utiliza incorrectamente, contribuyendo a su malentendido. Aunque la difusión y popularización del concepto son positivas, se enfatiza la importancia de retomar su conceptualización más precisa para no incurrir en la banalización del fenómeno. La actualidad del estudio también se revela en los diversos informes y declaraciones de autoridades relacionadas con la tragedia ambiental en la costa norte de São Paulo, en febrero de 2023, con varias menciones a la resiliencia climática, término utilizado para la reconstrucción de la ciudad de São Sebastião y sus alrededores.

Palabras Clave: Resiliencia; Concepto; Media; Resiliencia Climática; Ambiente.

Resumé

La résilience n'est pas synonyme de persévérance ou de "tenir bon" face à une situation adverse. Il s'agit d'un phénomène transformateur pour les individus, les groupes et les institutions qui en font l'expérience. Cependant, la popularisation du concept a traité les termes résilience et résistance comme synonymes. Cet article analysé les rapports et les publications dans les médias écrits dans lesquels le concept est utilisé de manière incorrecte, ce qui a contribué à son incompréhension. Bien que la diffusion et la vulgarisation du concept soient positives, il est important de reprendre sa conceptualisation plus précise afin de ne pas encourir la banalisation du phénomène. L'actualité de l'étude est également révélée dans les différents rapports et déclarations des autorités concernant la tragédie environnementale sur la côte nord de São Paulo, en février 2023, avec plusieurs mentions de résilience climatique, un terme utilisé pour la reconstruction de la ville de São Sebastião et de ses environs.

Mots-Clés: Résilience; Concept; Médias; Résilience Climatique; Environnement.

Resiliência: um fenômeno transformador

Comparando o cenário mundial de 2005 – ano em que foi escrita a dissertação de Lisete Barlach sobre o tema – com o atual, em 2022, pode-se dizer que a contemporaneidade demanda o enfrentamento – pessoal e coletivo – de novas formas de violência, bem como de novos e velhos problemas socioeconômicos decorrentes do aprofundamento de desigualdades sociais, dentre outros tipos de adversidades.

O tema da resiliência permanece, pois, atual, dado que se trata de compreender “porque, diante das mesmas condições entendidas como adversas, alguns indivíduos se desenvolvem satisfatoriamente ou crescem, sobrepondo-se, aparentemente, aos limites da condição humana, enquanto outros sucumbem, desenvolvem patologias ou se vitimizam” (Barlach, 2005: 2).

Entretanto, cabe assinalar um aspecto novo que vem realçar a importância da discussão conceitual no momento atual, a saber, a popularização e, por vezes, a distorção, deste conceito em suas aplicações práticas. Fala-se, especialmente no ambiente corporativo, da necessidade da resiliência e, em grandes empresas, programam-se treinamentos e capacitações para o seu desenvolvimento. Reportagens e artigos jornalísticos são publicados, utilizando o termo resiliência nas análises, banalizando o conceito, ao tratar o fenômeno como corriqueiro.

Recupera-se, pois, no presente artigo, o sentido original do conceito de resiliência, como base para a análise das notícias que apontam para essa popularização e possíveis distorções do conceito.

O Conceito de Resiliência

O fenômeno da resiliência apoia-se numa experiência subjetiva que envolve sensibilidade e valorização. Como afirma Barlach (2005), resiliência não é sinônimo de invulnerabilidade. O indivíduo que se confronta com a adversidade, é, sim, afetado e fica sujeito às forças desintegradoras que ameaçam sua sobrevivência física ou psíquica, mas é capaz de sair fortalecido. A diferença fundamental é que a resiliência pode ser promovida enquanto a invulnerabilidade é entendida como característica inerente ao indivíduo e, em função disso, questionada.

Sabe-se também que resiliência não é sinônimo de resistência e, portanto, não caberia associá-la ao desenvolvimento de uma “quase couraça”, impenetrável à adversidade e mesmo ao sofrimento, mas ressaltar que o crescimento ou transformação resultante do enfrentamento evidencia que o ser humano, diferentemente dos materiais, pode dispor de vontade própria para reagir, assumindo o protagonismo de sua própria história.

Em 2005, Barlach propôs uma nova definição do conceito de resiliência, transcrita a seguir, que enfatiza que o aspecto subjetivo nela envolvido deve ser desenvolvido de forma indireta, não sendo passível de treinamento a partir de fórmulas prontas.

“A resiliência é a reconfiguração interna, pelo sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, constituindo esta, a partir de então, fator de crescimento ou desenvolvimento pessoal. A resiliência é uma condição interna (não observável, a não ser em seus efeitos) constatada numa demanda de adaptação do indivíduo frente a uma situação excepcionalmente adversa, ou mesmo traumática, caracterizada por alto potencial destrutivo ou desintegrador das estruturas e recursos pessoais da qual resulta o fortalecimento dessas estruturas, o crescimento pessoal, a confirmação de sua identidade, o desenvolvimento de novos recursos pessoais, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação” (Barlach, 2005:100).

Nessa definição, é possível salientar o processo transformador contido no enfrentamento e diferenciar a resiliência da adaptação, bem como da resistência, com a qual não guarda sinonímia.

Também Brandão et al. (2011) reelaboram o conceito, discutindo se se trata de resistência ao estresse ou se é relacionado a processos de recuperação e superação, concluindo pela conotação de superação, como elemento-chave do conceito.

Taboada et al. (2006) definem resiliência como o processo em que o indivíduo consegue superar as adversidades, adaptando-se de forma saudável ao seu contexto.

Sobre as trajetórias de enfrentamento, ou seja, as trajetórias percorridas pelos sujeitos antes e após o enfrentamento de adversidades, Brandão e do Nascimento (2019) afirmam:

Observamos que a ideia que uma das concepções que a psicologia tem da resiliência – de modo geral, capacidade para se recuperar de abalos sofridos ou de se abalar e voltar ao que se era antes do abalo – tem mais a ver com o conceito físico da elasticidade do que propriamente de resiliência. Isso porque a elasticidade seria a característica dos materiais de se deformarem e voltarem à sua forma original, após o fim da causa da deformação (Pinto, 2002). Para que se deformem sem se romper, é necessária a resiliência que implica na absorção da energia do impacto (Brandão & Do Nascimento, 2019:264).

De forma geral, pode-se dizer que pesquisadores “não anglo-saxões” atribuem uma origem na Física ao termo e/ou conceito “resiliência”, o que não é mencionado pelos pesquisadores referenciais de língua inglesa. E é possível perceber que os estudiosos anglo-saxões adotam uma concepção de resiliência diferente daquela adotada por estudiosos falantes de línguas latinas.

Para a maioria dos anglo-saxões, com a exceção de alguns autores (Flach, 1991; Grotberg, 2005; Murphy, 1987; Walsh, 2005), a resiliência é um fenômeno relacionado à resistência ao estresse e, sendo assim, são escolhidos como sujeitos de pesquisa pessoas que não se abalaram em situações adversas e demonstram o que eles chamam de competência. A noção de adaptação, em sentido de ajustamento social, está inserida nessa concepção. Já para os pesquisadores brasileiros e outros de língua latina, os estudos de resiliência estão relacionados aos fenômenos de resistência ao estresse, mas também aos de recuperação e de superação. Em consequência dessa concepção ambivalente do conceito, nesses estudos não anglo-saxões, são escolhidos como sujeitos de pesquisa tanto pessoas que se abalaram e se recuperaram quanto aquelas que permaneceram bem todo o tempo. Assim, estudam-se fenômenos diferentes sob a mesma nomenclatura, dando o nome genérico de resiliência a todos ou a qualquer um dos fenômenos.

Pergunta-se, então: por que um grupo de pesquisadores não tem dúvida de que a resiliência que estudam é a resistência ao estresse e o outro estuda dois fenômenos como se fossem um só? (Brandão & Do Nascimento, 2019:268)

É importante considerar, em relação à resiliência entendida como possibilidade de recuperação que, atualmente, autores nacionais e internacionais de renome avançaram muito nessa concepção e concebem que a capacidade de resiliência vai muito além de se recuperar de um dano, pois implica uma superação do que se era, bem como crescimento pessoal (Brandão & Do Nascimento, 2019:269)

Os projetos advindos da concepção de resistência ao estresse objetivam proporcionar essa resistência ao máximo de pessoas possível e, para isso, potencializam os fatores de proteção e tentam minorar a ação dos fatores de risco. Esses projetos visam a conseguir um máximo de pessoas competentes e bem adaptadas que não se abalem diante das adversidades. Seus objetivos não estão voltados para os que já sucumbiram tentando recuperá-los. Por outro lado, projetos de resiliência baseados em concepções de recuperação e superação já se voltam aos que se mostram mais fragilizados diante de adversidades, com objetivos de fortalecê-los, recuperá-los e torná-los mais fortes.

Importante ressaltar que, em nenhuma das visões consideradas, há a associação da resiliência com a persistência ou resistência, pois ambas transcendem a visão física ou mecânica da resistência dos materiais, com curvas de deformação plástica e elástica e respectivas métricas, típicas da origem do conceito na Física.

Tendo como pano de fundo essa discussão conceitual, procedeu-se a uma pesquisa empírica, descrita a seguir, objetivando identificar desvios e distorções acerca do fenômeno, visando contribuir com o reestabelecimento da essência transformadora que é característica da resiliência.

Metodologia

A pesquisa, de natureza qualitativa, envolveu a análise de cinco artigos, publicados entre 2020 e 2022, que traziam os termos resiliência e resiliente no título ou no assunto em veículos de circulação pública, bem como em revistas de popularização da ciência, como Jornal da USP ou Revista FAPESP.

Os dados foram submetidos à técnica da análise de conteúdo (Bardin, 2007), ou seja, a partir da leitura dos artigos escolhidos, buscou-se categorizá-los, verificando a aderência dos mesmos à definição do conceito proposta por Barlach (2005), e a identificação das distorções que o conceito tem sofrido a partir de sua popularização.

Resultados: discussão e análise

No período estudado, foram publicados na imprensa nacional inúmeros artigos, reportagens e notícias que traziam o termo resiliência e resiliente em seu título ou assunto. Dentre eles, optou-se pela análise de cinco, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Artigos e noticiário nacional tratando de resiliência.

VEÍCULO	TÍTULO	DATA	NATUREZA
Revista Veja	Os fantasmas que rondam Haddad e Rodrigo Garcia na pesquisa Quaest	18/03/2022	Política
Agência FAPESP	Resiliência da Floresta Amazônica cria janelas de oportunidades para regeneração passiva	27/07/2022	Meio Ambiente
Revista Exame	A resiliência do Brasileiro traduzida em números	21/12/2020	Trabalho
Brasil resiliente (blog digital)	ONU convida cidades do mundo a colocar em prática ações de redução de riscos; brasil lidera ranking com mais de 500 cidades, sendo Campinas o destaque	23/06/2020	Cidades resilientes
Jornal da USP	Dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite	11/06/2021	Ciência

Fonte: elaboração própria.

A escolha levou em consideração a diversidade de veículos de imprensa bem como da temática abordada, ou seja, revistas de grande circulação, como VEJA (2022) e EXAME (2020), lado a lado com Agência FAPESP (2022) e Jornal da USP (2021), e temas que abrangiam futebol, política, meio ambiente ou cidades, dentre outros.

Uma descrição detalhada e comentada dos artigos selecionados encontra-se a seguir.

Artigo 1

O artigo publicado na Revista Veja, de 18 de março de 2022, referente à disputa dos candidatos ao Governo do Estado de São Paulo, afirma: “Diante da resiliência de França, o PT até já tenta ver lados positivos de sua permanência na disputa”. A suposta resiliência refere-se, no contexto do artigo, ao fato de França não desistir de sua candidatura, o que, naquele momento, favoreceria o candidato Haddad e vinha sendo objeto de esforços do partido de Haddad para convencer a França a essa desistência.

Constata-se, aqui, um equívoco, uma vez que o termo correto, aplicado a França nesse contexto, seria a persistência que, como mencionado anteriormente, não é sinônimo de resiliência.

Artigo 2

O artigo de Arantes (2022), publicado pela Agência FAPESP em 27/07/22, intitulado “Resiliência da Floresta Amazônica cria janelas de oportunidades para regeneração passiva”, comenta a regeneração de áreas da floresta que foram desmatadas. Afirmam os autores que “grande parte dessas áreas em regeneração localiza-se em beiras de corpos d’água, comumente conhecidas como zonas ciliares ou zonas ripárias”.

Trata-se de um estudo que aborda a regeneração passiva, com “um custo de implantação praticamente zero em comparação aos projetos de restauração convencionais, que necessitam de preparo, recuperação do solo, plantio de mudas e manejo da área para que as mudas não morram”.

É possível afirmar, pela leitura do artigo, a semelhança entre a regeneração passiva, aqui tratada como resiliência, com o conceito oriundo da Física, usado para definir a capacidade de um corpo físico voltar ao normal, depois de haver sofrido uma pressão sobre si. Sabe-se que a

palavra *resilio*, originária do latim, significa retornar a um estado anterior, sendo utilizada com esse sentido, tanto na Engenharia quanto na Física.

A noção de resiliência na Física e Engenharia teve um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young, que, em 1807, descrevia experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada a um corpo e a deformação que esta produzia (Timosheibo, 1983, como citado em Yunes, 2003). A partir de então, denominou-se resiliência de um material como a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes ou, dito de uma outra maneira, resiliência seria a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente (Yunes, 2003).

No artigo em análise, assume-se que a floresta se regenera após sofrer as pressões humanas, tais como desmatamento e queimadas, guardando essa definição semelhança àquela proposta pela Física.

Artigo 3

Na Revista Exame, em 21/12/2020, encontra-se artigo intitulado “A resiliência do Brasileiro traduzida em números”, que se refere às condições de trabalho no País.

Assinado pelo CEO da McKinsey Brasil, faz referência a um estudo que analisou “mais de duas mil tarefas, em 800 postos de trabalho espalhadas por 9 países”. Buscava entender, no Brasil, com mais detalhes, o impacto de mudanças decorrentes da pandemia na vida dos (as) trabalhadores (as) brasileiros (as).

Os resultados indicam que “metade dos entrevistados não tiveram a experiência de trabalho remoto, ou por possuírem trabalhos manuais, fabris (30%) ou por trabalharem no varejo físico (19%). E a metade dos que entraram na dinâmica do trabalho remoto, se divide entre aqueles que tiveram maiores dificuldades (26%), por não terem a estrutura ideal em casa de tempo e suporte técnico para executarem as suas rotinas, e uma outra parcela (24%), que pode contar com mais conforto e recursos para melhor se adaptar a esta nova dinâmica, tornando inclusive sua rotina de trabalho mais produtiva”.

Para Barlach (2005), “o impacto da pandemia em geral teve diferentes fases: a fase da ansiedade, logo no início da pandemia; a segunda fase do hábito, e a terceira, da transformação. Essas fases se refletem nas organizações, com o primeiro momento de paralisação, que evoluiu rapidamente para o momento da adaptação e para o momento de inovação, onde as organizações estão aprendendo com tudo o que foi vivido e começaram a incorporar esses aprendizados na sua forma de trabalhar e se relacionar com os seus clientes”.

É possível afirmar que o conceito de resiliência assumido no estudo da McKinsey aproxima-se, muito, do conceito de Barlach (2005), uma vez que supõe uma fase de sofrimento, seguida da superação transformadora, transcendendo a mera adaptação.

Importante frisar que o movimento transformador mencionado no estudo é das organizações, e seria mais correto referir-se, então, à resiliência organizacional.

A conclusão do artigo traz uma incorreção na frase: “Esta força da esperança é um atestado do nosso sentimento de resiliência, que abre caminhos para que as empresas possam avançar em criar um ambiente de trabalho adaptado à nossa nova realidade”, pois, ao referir-se a um sentimento, empobrece o conceito que perpassa o artigo.

Artigo 4

Publicado em um blog denominado Brasil Resiliente, o artigo a seguir é intitulado “ONU convida cidades do mundo a colocar em prática ações de redução de riscos; Brasil lidera ranking com mais de 500 cidades, sendo Campinas o destaque”.

O artigo traz uma definição do fenômeno: “Resiliência é a capacidade de se adaptar às adversidades ou mudanças bruscas” e o aplica à temática da vida urbana, fazendo menção, especificamente, ao fato de que “a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou em 2010 a campanha mundial Cidades Resiliente”

Aplicado o conceito à gestão de municípios, afirma que a ONU lançou, em 2010, uma campanha mundial intitulada Cidades Resilientes. “A iniciativa do Escritório das Nações Unidas para a Redução de Riscos e Desastres (UNISDR) foi baseada nas cinco prioridades instituídas pelo Marco de Ação de Hyogo (Japão) no ano de 2005, após a ocorrência do tsunami, quando 168 países assumiram o compromisso de colocar em prática ações de redução de riscos frente às catástrofes”.

Note-se que, em 2005, quando do mencionado tsunami, a ONU enviou representantes da área de saúde mental para promover a reconstrução psíquica das pessoas que sofreram com esse desastre (Barlach, 2005).

Ainda segundo o blog, “a finalidade da campanha é aumentar grau de consciência e compromisso em torno das práticas de desenvolvimento sustentável, como forma de diminuir as vulnerabilidades e propiciar o bem-estar e segurança dos cidadãos”.

A partir da definição apresentada e do tratamento dado ao tema no artigo, pode-se afirmar que a resiliência é aqui associada aos fatores de proteção que permitiriam compensar ou mitigar os riscos.

Ao longo da evolução do conceito, essa ideia de aumentar a proteção de forma a contrabalançar o risco esteve bastante presente nos estudos que buscavam compreender por que crianças em igual situação de vulnerabilidade social (risco) conseguiam superar satisfatoriamente essa condição, apontando que as crianças resilientes seriam aquelas com maior oferta de fatores de proteção.

Conforme Barlach (2005:38),

“No modelo baseado em variáveis, existe o conceito de efeito compensatório que pressupõe que a presença de fatores de proteção compensa o risco representado pela adversidade. As práticas de intervenção se baseiam, então, no aumento do número de fatores de proteção na vida de uma criança, de forma a compensar os fatores de risco presentes, enquanto as políticas de prevenção procurariam reduzir ou minimizar os fatores de risco. Nesse último caso, procura-se evitar, sempre que possível, a ocorrência simultânea de vários fatores de risco”.

A associação do conceito à redução de riscos e aumento de fatores de proteção é confirmada por afirmações tais como: “A finalidade da campanha é aumentar grau de consciência e compromisso em torno das práticas de desenvolvimento sustentável, como forma de diminuir as vulnerabilidades e propiciar o bem-estar e segurança dos cidadãos” ou, quando faz menção ao desastre ambiental que trouxe os deslizamentos de terra na região serrana do Rio de Janeiro em 2011, afirmando: “Com isso, foi despertada em toda a sociedade brasileira a necessidade de discutir com prioridade o tema redução do risco de desastres”.

O artigo conclui informando que “Hoje o Brasil é o país com o maior número de municípios inscritos na campanha, com mais de 570 adesões (contabilizadas até o fim de outubro de 2015)”, destacando a cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, como a mais resiliente, subentendendo-se ser ela uma cidade dotada de fatores de proteção capazes de minimizar ou mitigar os riscos ambientais.

Importante destacar que o conceito de resiliência evoluiu e a noção de mitigar riscos e aumentar fatores de proteção deu lugar à ideia de superação transformadora.

Artigo 5

No Jornal da USP, em 11/06/2021, tem-se a reportagem intitulada “Dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite”.

O artigo tem início com a afirmação: “Relatório da Unesco indica que, mesmo com redução drástica dos investimentos em pesquisa no País, produção científica brasileira segue crescendo – por enquanto”.

Segundo Hernan Chaimovich, Professor Emérito do Instituto de Química da USP e coautor de um relatório especial da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre investimentos em pesquisa e desenvolvimento no mundo, no período 2014-2018, Resiliência tem sido a principal característica da ciência brasileira nos últimos anos

Diz o autor: “O brasileiro em geral está acostumado, por força das circunstâncias, a fazer muito com pouco; mas não existe milagre, especialmente na ciência. A redução do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) no período 2014-2018 (contemplado pelo relatório da Unesco) foi da ordem de 50%” e afirma: “Insisto: essa resiliência tem limite”.

É possível identificar nas palavras e no raciocínio do autor o conceito da resiliência proposto por físicos, como em Yunes (2003, citado por Barlach, 2005: 27), que entende a resiliência de um material como “a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes, correspondente a uma determinada solicitação ou, dito de uma outra maneira, resiliência seria a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente”.

A ciência, no caso, está sendo vista como um corpo capaz de sofrer deformações e se regenerar ou persistir se desenvolvendo, porém há um alerta para o risco da deformação permanente, incapacitando-a de retornar a seu estado mais “natural”, ou seja, a partir de um determinado ponto, a ciência não perderia a elasticidade de “fazer muito com pouco” e poderia sucumbir à pressão da falta de verbas.

Resiliência Climática: a tragédia das chuvas no litoral norte de São Paulo

Uma busca simples no farto noticiário a respeito da tragédia das chuvas no litoral norte de São Paulo, em fevereiro de 2023, leva à definição de resiliência climática como a “capacidade social, econômica e dos ecossistemas para lidar com um evento perigoso, tendência ou distúrbio”(Pörtner et al., 2022). Isso é feito “respondendo ou reorganizando de maneira a manter sua função, identidade e estrutura essenciais (assim como a biodiversidade no caso de ecossistemas), mantendo também a capacidade de adaptação, aprendizado e transformação” (Hank & Temmer, 2017). O foco principal de aumentar a resiliência climática é reduzir a vulnerabilidade climática que comunidades, estados e países têm atualmente em relação aos muitos efeitos das mudanças climáticas (Hank e Temmer, 2017).

Assim como nos artigos analisados anteriormente, também nessa definição associa-se a resiliência à volta a um estado anterior, como nos chamados para-choques resilientes, assim denominados na Engenharia, que voltam à condição anterior após um choque ou colisão.

Em diversos websites, a definição predominante é de que a resiliência climática é considerada a capacidade de se recuperar ou mitigar a vulnerabilidade a choques relacionados ao clima, como enchentes e secas.

Observando as declarações de autoridades sobre a catástrofe na região do litoral norte de São Paulo, nota-se que há diversas menções à resiliência climática,

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, afirmou nesta quarta-feira (22) que “eventos climáticos extremos já são realidade” e que são necessárias ações de prevenção para evitar tragédias como a que aconteceu no Litoral Norte. Embora não tendo mencionado a resiliência climática, suas declarações têm sido acompanhadas de artigos e reportagens na imprensa que assim tratam o fenômeno.

Discussão

Comentados os cinco artigos, é possível afirmar que a popularização do conceito de resiliência tem sido acompanhada de um empobrecimento do mesmo, assim como sua associação crescente à resistência e à recuperação instantânea ou quase natural (automática) pós adversidade.

Do ponto de vista fenomenológico, a resiliência assemelha-se, nesses artigos estudados, à condição intrínseca à natureza, como no caso da floresta amazônica, supostamente capaz de se regenerar espontaneamente, sem necessidade de ações humanas.

Quanto à resiliência frente ao desemprego e às condições de trabalho no ambiente brasileiro de negócios, o artigo, de fato, traz um conceito mais próximo ao proposto por Barlach (2005), porém cabe alertar para o fato de que o artigo, que se intitula “Resiliência do Brasileiro em Números”, se refere à resiliência das empresas brasileiras, ou seja, à resiliência organizacional, que é distinta da resiliência humana diante do mesmo ambiente de trabalho e do desemprego. Em outras palavras, o artigo apresenta algo diferente do que “promete” no título e contém uma menção a uma suposta “esperança” como potencial de superação das adversidades. Desnecessário afirmar que o sentimento de esperança, embora bem-vindo, não tem papel transformador na subjetividade humana.

Uma cidade pode operacionalizar uma gestão de riscos mais eficiente, momentaneamente, de forma a solucionar um problema emergencial, sem que a sua gestão se transforme, perpetuando modelos burocráticos e pouco flexíveis de gestão. Nesse caso, não se poderia afirmar que se trata de uma cidade resiliente, mas, sim, de uma cidade que conseguiu superar uma crise, planejando melhor ações para crises semelhantes que se apresentem no futuro. A natureza essencial da gestão municipal não se transformou, permanecendo modelos burocráticos de tomada de decisão.

A ciência sem verba pode sobreviver até determinado limite e o artigo se refere à imensa criatividade brasileira que se vale do “jeitinho” para se adaptar às circunstâncias adversas (Barlach, 2013). Novamente, aqui, essa adaptação não é transformadora, mas apenas “acomodação passiva” que pode levar, inclusive, a uma redução de expectativa frente às agências de fomento ou ao entendimento, por parte desses órgãos de que, sim, é possível, fazer ciência com menos recursos.

Conclusão

A observação e acompanhamento de publicações na imprensa, seja ela do tipo massivo ou mais restrito, sobre o tema resiliência, segue sendo objeto de interesse. Constatase o

empobrecimento crescente do uso do conceito, ganhando destaque, nesse contexto, reportagens ou matérias jornalísticas que nem sequer buscam explicar o sentido do termo, como se ele fosse evidente, por si só.

As análises acadêmicas, por outro lado, têm sido fonte de reflexões cada vez mais aprofundadas, trazendo discussões em torno de um conceito utilizado de forma precisa e acurada. A distância entre o acadêmico e popular, manifesta não apenas nesse contexto, mas em muitos outros, deveria ser um ponto de atenção e objeto de investigações futuras, especialmente no sentido de trazer a exatidão do conceito, em sua utilização acadêmica, para a sua popularização.

A popularização do conceito de resiliência, positiva em essência, tem sido acompanhada de sua associação à persistência ou resistência. Os artigos analisados, sejam eles os de grande circulação, como a Revista Veja, sejam os publicados em Jornais e Revistas de circulação mais restrita, tal como o Jornal da USP, confirmam essa pressuposição.

Tal associação traz como consequência o empobrecimento do sentido transformador que esse fenômeno pode implicar, seja para indivíduos, seja para organizações ou instituições. Reduzir a resiliência à persistência ou resistência “natural” implica, além disso, assemelhar um fenômeno de natureza psicológico à explicação física da resistência dos materiais, retroagindo à origem do conceito, ignorando anos de avanços em estudos e pesquisas sobre a resiliência, resultando, por vezes, na deturpação de sua análise.

Referências Bibliográficas

- Arantes, José Tadeu. (2022). Resiliência da Floresta Amazônica cria janelas de oportunidades para regeneração passiva. *Agência Fapesp*. <https://agencia.fapesp.br/resiliencia-da-floresta-amazonica-cria-janelas-de-oportunidades-para-regeneracao-passiva/39216>
- Barlach, Lisete. (2005). *O que é resiliência humana?* Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação (Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. <https://doi.org/10.11606/D.47.2005.tde-19062006-101545>
- Barlach, Lisete. (2013). O Jeitinho Brasileiro: traço da identidade nacional?. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 3(2), 228-245. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1095.v3p228-245>
- Bardin, Laurence. (2007). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brandão, Juliana M., Mahfoud, Miguel., & Gianordoli-Nascimento, Ingrid F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, 21(49), 263-271. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>
- Brandão, Juliana M., & Nascimento, Elizabeth do. (2019). Resiliência psicológica: da primeira fase às abordagens baseadas em trajetória. *Memorandum: memória e história em psicologia*, 36, 1-31. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2019.6875>
- Escobar, Herton. (2021, 11 de jun.). Dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/universidade/politicas-cientificas/dados-mostram-que-ciencia-brasileira-e-resiliente-mas-esta-no-limite/>
- Exame. (2020, 21 de dez.). A resiliência do Brasileiro traduzida em números. *Colunista. Na sala do CEO – McKinsey Brasil*. <https://exame.com/colunistas/na-sala-do-ceo-mckinsey-brasil/a-resiliencia-do-brasileiro-traduzida-em-numeros/>
- Flach, Frederic. (1991). *Resiliência: A arte de ser flexível*. Saraiva.
- Grotberg, Edith H. (2005). Introdução: Novas tendências em resiliência. Em Aldo Melillo., Elbio Ojeda e cols. *Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas*. (pp. 15-22). Artes Médicas.
- IPCC. (2022). Summary for Policymakers. In Hans Otto. (Ed.) *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781009325844.001>.
- Murphy, Louise B. (1987) Further reflections on resilience. In Anthony, E. J.; Cohler, B. J. (Eds.), *The invulnerable child*. (pp. 84-105). The Guilford Press.
- Oliveira, Clarissa. (2022, 18 de mar.). Os fantasmas que rondam Haddad e Rodrigo Garcia na pesquisa Quaest. *Veja*. <https://veja.abril.com.br/coluna/clarissa-oliveira/os-fantasmas-que-rondam-haddad-e-rodrigo-garcia-na-pesquisa-quaest/>
- Portal Revista República. (2020, 23 de jun.). Brasil Resiliente. *Redação*. <https://irp8.org.br/revistarepublica/brasil-resiliente/>

- Taboada, Nina G., Legal, Eduardo J., & Machado, Nivaldo (2006). Resiliência: em busca de um conceito. *Journal of Human Growth and Development*, 16(3), 104-113. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n3/12.pdf>
- Temmer, Jennifer., & Venema, Henry. (2017, apr. 23). "Building a Climate-Resilient City: The Built Environment." *International Institute for Sustainable Development*. <https://www.iisd.org/publications/brief/building-climate-resilient-city-built-environment>
- Walsh, Froma. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. Roca.
- Yunes, Maria Angela M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(spe): 75-84. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>

Recebido em 29/04/2024.
Aceito em 28/12/2024.